



CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA DO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA/BA

Lucas Camargo Marquezini ¹
Rubens Pereira Dias ²
Lindaura de Lucena Macedo ³
Marcelo Eduardo Dantas ⁴

RESUMO

A urbanização de Feira de Santana se concentrou sobre uma superfície de tabuleiros permeada por lagoas intermitentes e nascentes que serviram para o abastecimento da cidade. Contudo, o município possui uma grande extensão, com dezenas de vilas rurais situados sobre a superfície da Depressão Sertaneja Meridional, ocupando uma área de transição entre a zona litorânea úmida e o semiárido nordestino. O Serviço Geológico do Brasil procedeu o mapeamento geomorfológico do município, identificando dezoito padrões de relevo e quatro unidades geomorfológicas associadas aos domínios morfoestruturais do Cráton do São Francisco e das Coberturas Sedimentares Cenozoicas. A área cratônica se caracteriza por extensas superfícies aplainadas degradadas sobre rochas gnáissicas permeadas por morros de rochas granulíticas, esculpidos por discordância litológica. Nas coberturas sedimentares o relevo é de tabuleiros conservados, com a ocorrência de depressões fechadas, na qual ocorrem lagoas intermitentes. O mapeamento geomorfológico é importante instrumento de gestão territorial e o fato de estar em um contexto de transição climática e diversidade geológica reforça essa importância no caso de Feira de Santana.

Palavras-chave: Feira de Santana. Tabuleiros. Cráton São Francisco. Depressão Sertaneja. Mapeamento Geomorfológico.

INTRODUÇÃO

A origem de Feira de Santana e seu crescimento estão diretamente ligados a suas condições de relevo e hidrografia. Segundo Santo (2012), a localização estratégica entre o litoral úmido e o interior semiárido fez da região um ponto de passagem importante para viajantes que transitavam entre a capital Salvador e o sertão da Bahia. A autora destaca que desde o século XVIII, a existência de diversas lagoas e nascentes foram atrativos decisivos para fixação humana na região. Durante o século XIX, o então “Arraial de Sant’Ana dos Olhos D’Água”, se desenvolveu como um típico centro comercial do sertão baiano, diferenciado por suas já avantajadas dimensões. No século XX a cidade se

¹ Analista em Geociências (Geógrafo) do Serviço Geológico do Brasil, lucas.marquezini@sgb.gov.br;

² Pesquisador em Geociências (Geólogo) do Serviço Geológico do Brasil, rubens.dias@sgb.gov.br;

³ Geóloga e e Técnica em Geociências do Serviço Geológico do Brasil, lindaura.macedo@sgb.gov.br;

⁴ Analista em Geociências (Geógrafo) do Serviço Geológico do Brasil, marcelo.dantas@sgb.gov.br



consolidou como principal centro comercial e urbano do interior baiano e sua população saltou da casa dos 100.000 habitantes no Censo de 1950 para 616.272 habitantes em 2022, crescimento que se traduziu em elevada expansão urbana (Santo, 2012).

Esta expansão se deu privilegiando a ocupação de uma grande superfície aplainada, com solos porosos que servem como reservatório de água (Santo, 2012). A cidade ainda hoje é reconhecida por seu relevo pouco movimentado. Todavia, a área urbana ocupa cerca de 92km² de um município que no total tem uma área de cerca de 1304 km². Feira de Santana abriga dezenas de vilas e distritos suburbanos e onde se observa uma diversidade de paisagens, que apresentam um interessante retrato da transição da zona da mata litorânea para o sertão semiárido.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir das observações feitas durante as atividades do programa Cartas Geomorfológicas Municipais do Serviço Geológico do Brasil (SGB). Essas atividades resultaram na Carta Geomorfológica do município de Feira de Santana na escala 1:25000 (Marquezini et al., 2024). Os aspectos morfogenéticos dessas feições podem ser compreendidas em unidades geomorfológicas distintas, com processos específicos associadas ao clima e geologia do município. O presente trabalho pretende se debruçar nessas questões, a partir de uma análise das formas de relevo mapeadas no município de Feira de Santana.

MATERIAIS E MÉTODOS

O mapeamento geomorfológico do município de Feira de Santana seguiu a metodologia de Dantas et al. (2024), que por sua vez se ancora nos pressupostos de Ab'Sáber (1969). Esta metodologia propõe a compartimentação do terreno em conjuntos morfológicos posicionados em distintos níveis topográficos e a identificação, subordinadamente, das dinâmicas morfogênicas atuantes. Cabe destacar que a metodologia de Ab'Sáber permite uma avaliação integrada do relevo com a litologia e o solo, permitindo que a análise do relevo seja feita sob uma perspectiva multiescalar (Nakashima et al., 2017).

Conforme a metodologia de Dantas (op cit.), o mapeamento geomorfológico se desenvolve em três etapas: Preparação, Mapeamento e Validação. Para o município de Feira de Santana, fase de preparação foram levantadas as interpretações existentes sobre o relevo da área com base no IBGE (2023) e no projeto Geodiversidade da Bahia (Carvalho e Ramos, 2010). Foi feito ainda um levantamento bibliográfico sobre a



geomorfologia, geologia e os solos da área, nos quais destacamos os estudos de Tricart e Silva (1968); Almeida (2000), Lobão e Machado (2005) e Souza (2015).

O mapeamento foi executado no *software ArcGIS Pro* e finalizado no QGIS 3.28. A interpretação do relevo teve como base: Modelo Digital de Elevação proveniente do Copernicus DEM de 30m, reamostrado para 12,5m, a partir do qual extraiu a hipsometria, relevo sombreado, declividade e curvas de nível de 10 metros de equidistância; Ortofoto obtida a partir do plugin fo Google Earth no sftware QGIS; a base de dados de afloramentos litológicos do Serviço Geológico do Brasil e os mapas geológico da folha SD-24-V-B - Santo Antônio de Jesus (CPRM, 2006) e Mapa Geológico do Estado da Bahia (Souza et al., 2003) produzidos pelo Serviço Geológico do Brasil.

A validação do mapeamento geomorfológico foi feita durante 10 dias de atividade de campo, no qual foram visitados 71 pontos e foram marcados outros 70 pontos de controle em toda a área do município de Feira de Santana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Feira de Santana está situada na transição do clima tropical úmido, típico do litoral nordestino, para o semiárido, o que significa que a região pode apresentar variações no regime de chuvas e temperaturas ora enquadrando nas condições semiáridas, ora se enquadrando em uma condição tropical mais úmida (Dubreuil et al., 2018). Os dados da estação Feira de Santana do INMET indicam que entre 2004 e 2008 os índices pluviométricos ficaram pouco acima dos 750mm anuais e de 2010 a 2018, ficaram abaixo desse índice. Souza (2015), identificou para o setor dos tabuleiros de Feira de Santana, um regime com três meses úmidos (maio, junho e julho), três meses secos (janeiro, setembro e outubro) e seis meses de clima semi úmido. No total, o balanço hídrico local apresenta um déficit médio anual de 402,3mm. Os dados indicam um regime climático semiárido quente, mas próximo dos parâmetros de um clima tropical de savana.

No que diz respeito à geologia, o município de Feira de Santana encontra-se no limite leste do Cráton São Francisco na faixa de domínio tectônico denominada por Cinturão Itabuna-Salvador-Curaçá (Barbosa et al., 2021). Este domínio tem sua gênese atribuída a uma extensa orogênese granítica ocorrida no período Paleoproterozoico, posteriormente afetada por sucessivos ciclos de tectônica compressiva e intrusões granitoides (Souza et al., 2003; Hasui, 2012). Este processo resultou em um terreno de



rochas graníticas e gnaisses com variados graus de metamorfismo, tais como ortognaisses, augengnaisses, granulitos e charnockitos.

No setor centro-leste da área, entre as longitudes 39°W e 38°50W, aproximadamente, esta superfície está sobreposta por uma extensa cobertura sedimentar cenozoica, frequentemente associada na literatura ao grupo Barreiras (Souza, 2015; Brasil, 1981). A origem desta formação é atribuída aos intensos processos erosivos impostos sobre a superfície interiorana durante o Cenozoico (Tricart, 1968). Neste processo se formaram extensos depósitos detrítico-arenosos com espessura variada, desde a faixa pré-litorânea (Schobbenhaus & Neves, 2003).

Alves (2019) destaca que a paisagem sertaneja atual é resultante de processos morfogenéticos distintos, que se sucederam como um palimpsesto em função das mudanças climáticas ao longo do Fanerozoico. Ab'Sáber (1998) atribui a formação do Pediplano Sertanejo a uma fase erosiva de degradação lenta e gradual sob clima semiárido no Pleistoceno Inferior, o que resultou em uma ampla superfície proterozoica arrasada no sertão e coberturas detríticas, com os sedimentos oriundos deste processo na faixa pré-litorânea. A este processo atribuem-se os dois grande conjuntos morfoestruturais observados em Feira de Santana: o Cráton do São Francisco e as Cobertura Sedimentar e Cenozoicas.

Os terrenos modelados sobre o cráton apresenta extensas superfícies aplainadas embasados, predominantemente, sobre rochas gnáissicas, pontuadas por morros formados sobre rochas granulíticas esculpidas por discordância litológica. Assim, diferenciamos duas unidades morfoesculturais, uma correspondente à superfície rebaixada e outra correspondente aos morros e serras.

A cobertura sedimentar cenozoica corresponde ao domínio morfoescultural dos tabuleiros interioranos e também funciona como um interflúvio entre as bacias dos rios Jacuípe e Pojuca, nas quais a superfície cratônica apresenta paisagens distintas. Assim, chegamos a quatro unidades geomorfológicas, com o domínio morfoescultural da depressão sertaneja se dividindo em duas unidades geomorfológicas em função da hidrografia (figura 1).

O trabalho do SGB identificou 18 padrões de relevo distintos, conforme a metodologia de Dantas *et al.* (2024), que classifica o relevo conforme feições do quarto táxon. Essas formas de relevo estão distribuídas em quatro unidades geomorfológicas interpretadas conforme a tabela 1.

Unidades morfoestruturais	Unidade morfoesculturais	Unidades geomorfológicas	Principais padrões de relevo (Dantas et al., 2024)
Cráton do São Francisco	Depressão Sertaneja Meridional	Superfície rebaixada do Jacuípe	Superfícies aplainadas degradadas e colinas
		Superfície rebaixada do Rio Pojuca	Vales abertos e superfícies aplainadas degradadas
	Morrarias do norte baiano	Morrarias do Baixo Jacuípe	Domínio serrano, inselbergs, morros altos, morros baixos, rampas de colúvio e tálus
Coberturas Sedimentares Cenozoicas	Tabuleiros Interioranos	Tabuleiros de Feira de Santana	Tabuleiros, Feições cársticas, planícies de inundação e planícies fluviolacustres

Tabela 1 – Classificação do relevo de Feira de Santana do primeiro ao quarto táxon.

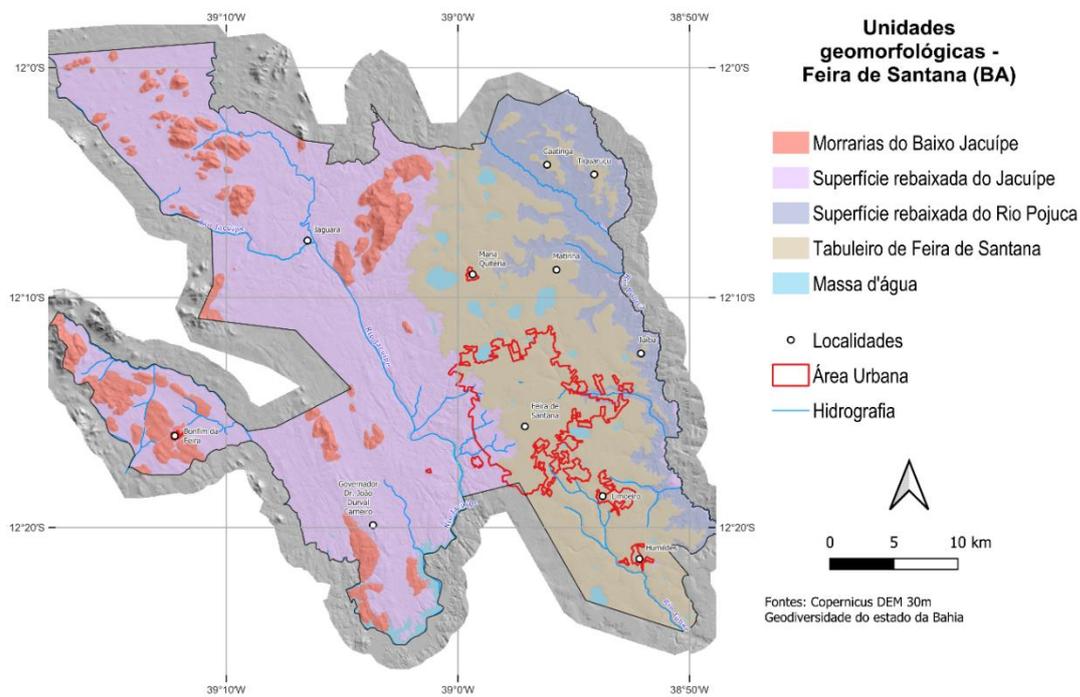


Figura 1 - Unidade geomorfológicas do município de Feira de Santana.



Superfícies rebaixadas

Esta área é amplamente dominada por superfícies aplainadas degradadas (Dantas *et al.*, 2024), apresentando vertentes moderadamente convexas com baixa declividade. Conforme se aproxima a margem dos leitos principais, a movimentação do terreno aumenta consideravelmente, especialmente em direção à Represa Pedra do Cavalo, ao redor da qual foram mapeados morros baixos e colinas. Está inserido no contexto “Pediplano Sertanejo” (Brasil, 1981), em altimetrias entre 150 e 200m. Esta superfície pode ser associada litologicamente aos ortognaisses do complexo Caraíba (Teixeira, 1997; CPRM, 2006).

Na bacia do Jacuípe, os principais rios correm em vales incisivos sob forte controle estrutural em direção à represa Pedra do Cavalo. Seus afluentes correm por vales retilíneos formando uma drenagem padrão treliça. Na confluência do Rio Jacuípe com seus maiores afluentes é possível observar o alargamento do vale onde se observa cicatrizes erosivas e depósitos aluvionares que se associam à ocorrência de solos hidromórficos. No restante da área, predominam solos rasos, típicos do semiárido, especialmente Planossolos Háplicos Eutróficos (IBGE, 2023).

No extremo sul deste setor, a Lagoa Pedra do Cavalo se destaca como um elemento da paisagem. A barragem instalada próximo ao exutório da bacia do rio Paraguaçu, se manifesta na paisagem de Feira de Santana, implicando na presença de uma grande massa d’água e a presença de rampas aluviais e planícies fluviolacustres no entorno.

O outro setor desta superfície está situado na bacia do Rio Pojuca. O rio Pojuca segue sentido sudeste até desaguar diretamente no mar na altura do município de Camaçari. Nesta bacia, o controle estrutural é menos intenso e ocorre a formação de planícies e rampas aluviais, ainda que forma descontínua e pouco extensa.

Desde o sítio urbano de Feira de Santana, a bacia do Rio Pojuca transiciona de um relevo de tabuleiros planos para um relevo mais ondulado, característico de dissecação em vales abertos (Dantas *et al.*, 2024).

Morrarias do Baixo Jacuípe

Ao longo da superfície rebaixada do Jacuípe, destaca-se a ocorrência de morros e serras baixas formados por discordância litológica sobre rochas de alto grau metamórfico.



Esses morros que se adensam para noroeste em direção ao município de Riachão do Jacuípe e atingem altimetrias acima de 500 metros. Litologicamente podem ser correlacionados à suíte granítica Riacho da Onça (CPRM, 2006), uma rocha de gênese magmática intrusiva datada do período Transamazônico (Teixeira, 1997).

Em sua maioria são feições bastante erodidas, com a ocorrência de rampas de colúvio na base, vertentes com tálus. A ocorrência de paredões rochosos verticais é rara. São poucos os elementos que se enquadram naquilo que é compreendido visualmente como inselberg clássico. Há, no entanto algumas feições de dimensões significativas que merecem destaque.

A principal, sem dúvida, é uma serra com mais de 7.000m de extensão e 300m de desnível em relação à base, sendo o único setor do município que ultrapassaa a cota altimétrica de 600m. É chamado morro São José no setor que é acessado pelo distrito de mesmo nome, ou Pé de Serra nas outras áreas. Segundo Flores e Nolasco (s.d.), trata-se de um monólito esculpido em rocha granulítica.

A Serra da Passagem, próximo à confluência do Rio Jacuípe com o Rio do Peixe, também chega a cota acima de 500m e no morro no acesso à vila de Sete Portas, observam-se amplos depósitos de tálus e paredão rochoso. Segundo a base Aflora (SGB), no local dessas feições são observadas a ocorrências de Granulitos Charnockíticos e Charnoenderbíticos, respectivamente.

No extremo oeste do município, a noroeste do distrito Bonfim de Feira, se intensifica a ocorrência de morros com escarpas mais íngremes e amplos depósitos de tálus. Os limites com os municípios de Ipacaetá, Serra Preta e Anguera são demarcados pela linha cumeada de um complexo de morros e serra com cerca de 300m de desnível.

Tabuleiros de Feira de Santana

Esta superfície apresenta topo plano homogêneo levemente incinado para sulsudeste. O topo dessas coberturas está apenas 20m acima da Superfície Rebaixada do Jacuípe, sendo que em alguns setores o desnível é ainda menor e o contato entre as duas unidades não está demarcado claramente. Essa transição é mais abrupta em algumas cabeceiras de drenagem, onde a erosão é mais significativa. No norte da área o que se observa na prática é uma transição gradativa, estando os setores limites da superfície rebaixada recoberta por feições residuais oriundas da cobetrura detrítica.



A maior parte dos tabuleiros estão na bacia do Rio Pojuca formando uma rede de vales muito suaves com menos de 20m de desnível e declividade que raramente ultrapassa os 5°. A exceção é o leito do Rio Subaé e seus afluentes diretos no sul da área, que entalham vales incisivos, formando setores suscetíveis a movimentos de massa (Dias et al., 2024).

Por toda a área se observa a água aflorando no interior de abaciamientos que formam lagoas intermitentes que podem ser verificadas em campo e através de imagens aéreas. Esses abaciamientos, foram chamados por Tricart e Silva (1968) de “pseudo dolinas” e são feições típicas dos tabuleiros da formação Barreiras (Ferreira, 2015; Nunes et al., 2023). Geralmente apresentam forma ovalada, abatimento entre 10 e 20m em relação ao topo de tabuleiros através de uma vertente suave de menos de 10°. Almeida (2000) descreveu três modelos observados para o fundo dessas lagoas: substrato cristalino, sedimentar ou misto. Tais condições, segundo o autor, estariam associadas à localização das lagoas sobre o paleorrelevo local.

A ocorrência dessas depressões fechadas é um objeto de estudo antigo, mas sua explicação é algo ainda incompletamente desvendada. Há certo consenso de que sua gênese segue condicionantes estruturais geológicas (Almeida, 2000; Nunes et al., 2023). Para Tricart e Silva (1968), as fissuras tectônicas possibilitam uma boa drenagem subterrânea, facilitando a remoção de material argiloso em meio coloidal. Os autores consideram ainda o clima subúmido como um fator determinante para estas formações, uma vez que limita o escoamento de sedimentos à montante, ao mesmo tempo que possibilita a desagregação do material sedimentar por intemperismo químico. Souza (2015) observa que os tabuleiros de Feira de Santana se encontram progressivamente conservados em na direção norte, onde os índices de pluviométricos são menores. Nos setores ao sul, a rede de drenagem é mais densa com vales as lagoas se encontram parcialmente obliteradas pela rede hidrográfica.

Algumas dessas lagoas são também nascentes de cursos d'água importantes, destacadamente a Lagoa da Tábua e a Lagoa Grande que são nascentes de dois braços do Rio Pojuca e Lagoa Salgada que é uma nascente do Rio Subaé. Algumas delas se encontram aterradas devido ao processo de expansão urbana da cidade, sendo caso destacado a Lagoa Grande cuja área inundada é apenas uma fração de sua área original. Na zona rural, é comum essas superfícies estarem ocupadas por pastagem e a água estar confinada em pequenos barramentos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feira de Santana se caracteriza portanto como uma zona de transição climática (tropical para o semiárido), e litológica (coberturas sedimentares pré-litorâneas para o cráton sertanejo), e esta característica se expressa na geomorfologia.

As características típicas da paisagem sertaneja são observadas especialmente sobre a superfície rebaixada do Jacuípe, com uma superfície aplainada com solos rasos, pontuada por morro residuais de litologia granulítica, esculpidas por discordância litológica em relação à superfície circundante.

As lagoas e os morros são as feições que exigem maior atenção no que diz respeito à conservação. A intensa antropização a qual as lagoas são submetida representam um risco ao regime hídrico dos tabuleiros. Os morros residuais por sua vez representam as áreas com média ou alta suscetibilidade a movimentos de massa como restrição à ocupação.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o quaternário. In: **Geomorfologia**. São Paulo: IGEO/USP, 1969. p. 1–23.

AB'SÁBER, A. N. Participação das depressões periféricas e superfícies aplainadas na compartimentação do planalto brasileiro: considerações finais e conclusões. **Revista do Instituto Geológico**, v. 19, n. 1–2, p. 51–69, 1998.

ALMEIDA, J. A. P. de. Aplicação da metodologia sistêmica ao estudo do sítio urbano de Feira de Santana. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 22, p. 9–26, jan./jun. 2000.

ALVES, G. B. A. A formação das paisagens sertanejas no tempo e no espaço. In: **Sertão, sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas**. São Paulo: Elefante, 2019. p. 98–113.

BARBOSA, J. S. F. et al. **Mapa tectônico-geocronológico do estado da Bahia: implicações metalogenéticas**. Salvador: CBPM; SGB-CPRM, 2021. Escala 1:1.000.000.

BRASIL. Projeto Radambrasil. **Folha SD.24 Salvador: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra**. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, Secretaria Geral, 1981. (Levantamento de Recursos Naturais, v. 30).

CARVALHO, L. M. de; RAMOS, M. A. B. (org.). **Geodiversidade do estado da Bahia**. Salvador: CPRM, 2010.



15º SIMPÓSIO NACIONAL DE
GEOMORFOLOGIA

CPRM – SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Projeto Itaberaba: mapa geológico e de recursos minerais. Folha Santo Antônio de Jesus (SD.24-V-B)**. Salvador: CPRM, 2006. Escala 1:250.000.

DANTAS, M. E. et al. (org.). **Guia de procedimentos técnicos do Departamento de Gestão Territorial: cartas de padrão de relevo multiescala**. v. 7. Brasília, DF: Serviço Geológico do Brasil - CPRM, 2024.

DIAS, R. P.; MARQUEZINI, L. C.; MACEDO, L. L. de. **Carta de suscetibilidade a movimentos gravitacionais de massa e inundação: município de Feira de Santana - BA**. [Rio de Janeiro]: Serviço Geológico do Brasil, jul. 2024. 1 mapa, color. Escala 1:80.000.

DUBREUIL, V. et al. Os tipos de climas anuais no Brasil: uma aplicação da classificação de Köppen de 1961 a 2015. **Confins**, v. 37, 2018.

FERREIRA, R. O. et al. Áreas de lagoas intermitentes em tabuleiros costeiros do Recôncavo da Bahia: gênese, caracterização e classificação dos solos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 39, n. 6, p. 1513–1523, dez. 2015.

FLORES, G. G. P.; NOLASCO, M. C. Pé de Serra. In: **Geossit – Cadastro de Sítios Geológicos**. Serviço Geológico do Brasil. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/geossit/geossitios/ver/2156>. Acesso em: 25 jul. 2025.

HASUI, Y. O Cráton do São Francisco. In: ALMEIDA, F. F. M.; HASUI, Y. (org.). **Geologia do Brasil**. São Paulo: Beca, 2012.

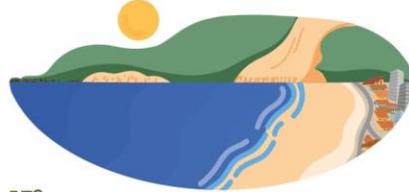
IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 26 jun. 2025a.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco de Informações Ambientais**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geologia/23382-banco-de-informacoes-ambientais.html>. Acesso em: 26 jun. 2025b.

INMET – INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. **Dados Históricos: Estação Feira de Santana**. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LOBÃO, J. S. B.; MACHADO, R. A. S. Avaliação multi-temporal da ocupação das lagoas urbanas de Feira de Santana-BA por meio de sistema de informação geográfica. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO**, 12., 2005, Goiânia. Anais [...]. São José dos Campos: INPE, 2005. p. 3797–3804. CD-ROM. Disponível em: <http://urlib.net/ibi/ltid.inpe.br/sbsr/2004/11.21.17.42>.

MARQUEZINI, L. C. et al. **Carta geomorfológica: município de Feira de Santana - BA**. [S. l.]: Serviço Geológico do Brasil, 2024. 1 mapa, color. Escala 1:80.000.



15º SIMPÓSIO NACIONAL DE
GEOMORFOLOGIA

NAKASHIMA, M. R. et al. Dos solos à paisagem: uma discussão teórico-metodológica. **Revista da ANPEGE**, v. 13, n. 20, p. 30–52, 21 set. 2017.

NUNES, F. C. et al. Depressões fechadas: dolinas na Formação Barreiras? **Revista Brasileira de Geomorfologia**, v. 24, n. 4, out. 2023.

SANTO, S. M. **A expansão urbana, o Estado e as águas em Feira de Santana – Bahia (1940–2010)**. 2012. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo - UEFS

SANTO, S. M. **O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA)**. *Sitientibus*, n. 28, 7 dez. 2022.

SCHOBENHAUS, C.; NEVES, B. B. B. de. A geologia do Brasil no contexto da Plataforma Sul-Americana. In: **Geologia, tectônica e recursos minerais do Brasil: texto, mapas & SIG**. Brasília: CPRM, 2003. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/764e0aaf-6772-4d88-b52d-5fbb2b4523ba/1433704.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. **Geobank – base de afloramentos**. Disponível em: <https://geoportal.sgb.gov.br/geosgb/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SOUZA, J. D.; MELO, R. C.; KOSIN, M. (coords.). **Mapa geológico do estado da Bahia**. Versão 1.1. Salvador: CPRM; CBPM, 2003. Escala 1:1.000.000.

SOUZA, J. L. L. L. **Contribuição ao entendimento da dinâmica geomorfológica atual do tabuleiro de Feira de Santana-BA**. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em Modelagem em Ciência da Terra e do Ambiente) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

TEIXEIRA, L. R. **O complexo Caraíba e a suíte São José do Jacuípe no cinturão Salvador-Curaçá (Bahia, Brasil): petrologia, geoquímica e potencial metalogenético**. 1997. 202 p. Tese (Doutorado em Geologia Econômica) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

TRICART, J.; SILVA, T. C. da. **Estudo de geomorfologia da Bahia e Sergipe**. Salvador: Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, 1968. 167 p.

